



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 03

Tudo acaba

Branca Vianna: Você tá ouvindo o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

A gente brinca aqui na Novelo que a gente não leva muito jeito pra história fofinha. As nossas primeiras séries foram sobre feminicídio e Jair Bolsonaro

—

e dali pra frente foi só ladeira abaixo: milícia, corrupção no futebol, crise climática, racismo estrutural... Só delícia. A gente começou a falar assim:

"Não tem jeito.

Se a gente for fazer uma série sobre cachorrinhos, vai acabar sendo sobre tráfico de órgãos caninos".

Agora, no Rádio Novelo Apresenta, a gente pensou: essa é a nossa chance. Não tem que fazer história séria o tempo todo. Vai poder falar de bicho fofo, de cultura pop, de skincare... de todas as nossas futilidades preferidas.

O episódio de hoje tem tudo isso. Mas, no fundo, é sobre extinção. Sobre coisas que tão em perigo de acabar, e o que a gente periga perder com elas — e sobre coisas que já acabaram, e o que o buraco que elas deixaram diz sobre a gente. Eu sei, a gente ainda tá trabalhando na fofura.

A nossa primeira história hoje é sobre uma profissão que já entrou em extinção. O que não deveria ser muito surpreendente, na verdade, porque era uma profissão de um homem só. Que ele próprio inventou.

Aqui a Flora Thomson-DeVeaux pra contar a história.

ATO1

Flora Thomson-DeVeaux: No fundo, fazer um plano de segurança é um exercício de imaginação. Imaginar cenários de guerra, de emboscada, mapear o imprevisível.

Imaginar perigos que caem do céu, que surgem da terra. Que brotam do nada.

Esse é o som de um exercício de imaginação bem barulhento.

Em 2019, o Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República simulou um ataque ao comboio presidencial. Tinha dublê do presidente,

granadas de fumaça, e muito tiro. Acho que não vai ser surpresa pra ninguém se eu disser que o dublê do Bolsonaro sobreviveu.

Quem tava na coletiva de imprensa, depois desse exercício, era o ministro-chefe do gabinete, o General Heleno. Ele já tinha cuidado da segurança do Collor e do Itamar. E, no meio de todas as explicações sobre os protocolos e as simulações e o rigor da segurança e tal, ele comentou os vários tipos de perigos que ele tinha enfrentado nesses anos. Ele disse assim: “Lidar com um beijoqueiro, por exemplo, é bem mais fácil do que com um esfaqueador”. Um beijoqueiro.

Esse comentário despertou uma lembrança em alguém.

Carlos Nader: Eu sou ruim para me apresentar, mas acho que, como documentarista. Carlos Nader.

Flora Thomson-DeVeaux: Cê lembra de quando você ficou sabendo do Beijoqueiro pela primeira vez?

Carlos Nader: Ele era uma figura na época muito conhecida, assim, não tinha quem não conhecesse. Ele era uma celebridade de primeira grandeza, assim, nos anos 80, né, ele começou – o primeiro beijo dele foi com Frank Sinatra.

Flora Thomson-DeVeaux: Sabe aquela coisa que o povo comenta em foto de artista, “Please come to Brazil”? Vou te dizer que isso é bem mais antigo do que o Instagram.

Carlos Nader: Acho que foi em 1980, oito-zero mesmo.

Flora Thomson-DeVeaux: Frank Sinatra era uma estrela mundial desde os anos 50. E, já naquela época ele era assediado por empresários brasileiros. "*Come to Brazil, Frank!*" "*Come to Brazil!*" "*Please come to Brazil*". Mas o Sinatra sempre recusava. A história que ele contava era assim: que uma cartomante tinha dito pra ele que, se ele fosse pra América do Sul, ele ia ser assassinado. Mas isso parece que era uma desculpinha. Ou, sei lá, o Sinatra tava com preguiça. Ou querendo "valorizar o passe". Porque uma hora finalmente pintou uma proposta irrecusável. E, até que enfim, Sinatra *came to Brazil*. O ápice da turnê dele ia ser um show no Maracanã.

Carlos Nader: Não sei se é verdade, mas a mitologia do show dizia que era o maior show de todos os tempos. 200 mil pessoas.

Flora Thomson-DeVeaux: 175 mil, pra ser mais precisa. E naquela época foi, sim, o maior show do Maracanã. Esse recorde foi quebrado alguns anos mais tarde, pela Tina Turner. Mas vai. 175 mil é muita gente. E cê imagina o tamanho do esquema de segurança. Vai que a tal cartomante fictícia tinha razão.

Daí começou o show, música vai, música vem...

Frank Sinatra: *[cantando] They've got an awful lotta coffee in Brazil...*

Flora Thomson-DeVeaux: Tá quase no auge. O Sinatra termina de cantar *My Way*... E um homem brota do nada e sobe no palco.

Carlos Nader: Ele subiu no palco e deu um beijo no Frank Sinatra. O Frank Sinatra ficou assustadíssimo e empurrou ele. Os seguranças vieram, pegaram. Com certeza foi, foi a primeira vez que eu vi.

Flora Thomson-DeVeaux: Foi aí que nasceu o Beijoqueiro. Antes daquela noite, antes daquele momento, antes do Sinatra terminar de cantar *My Way*, não existia o Beijoqueiro. Existia um taxista português chamado José Alves de Moura. Mas ele era um taxista português com uma missão de vida.

Carlos Nader: Segundo ele, foi uma espécie de iluminação, de mensagem divina.

Beijoqueiro: *Frank Sinatra deu uma entrevista num jornal famoso no Rio de Janeiro, dizendo que estava com medo de vir ao Brasil porque corria o risco de levar um tiro. Aí eu pensei: "em vez de ele levar um tiro, vai levar um beijo". Para provar ao Frank Sinatra e ao mundo que no Brasil não existe somente violência...*

Flora Thomson-DeVeaux: Essa voz é do próprio Beijoqueiro. É de uma entrevista que saiu num filme que o Carlos Nader fez. Foi o primeiro filme do Nader, na verdade. Chamava assim, em inglês: *Portrait of a Serial Kisser*. Fazendo uma brincadeira com "serial killer". Ou seja: Retrato de um beijoqueiro em série. Porque o Sinatra foi o primeiro. Mas não foi o último. Nem de longe.

O show foi no finalzinho de janeiro de 1980. No começo de março, o Beijoqueiro fez outra vítima: o general Figueiredo, o último presidente da ditadura. Segundo relatos, o Figueiredo até achou graça.

E o Carnaval, a temporada de caça-beijo por excelência, tava logo ali. Na noite de domingo pra segunda no Sambódromo, o Beijoqueiro beijou, entre outros, o Pelé, o prefeito do Rio, a Betty Faria, a Tônia Carrero, o Renato Aragão, o Emerson Fittipaldi, e o Garrincha – que ele beijou nas pernas.

Nas semanas seguintes, as vítimas foram se acumulando. Tony Bennett. Roberto Dinamite.

O Beijoqueiro até voltou pra primeira cena do crime – o Maracanã – e invadiu o campo durante a final do campeonato. Ele mandou beijo pra torcida, driblou o árbitro e um PM antes de ser pego e... espancado. Mas ele não se deu por vencido. Mesmo com várias fraturas, ele conseguiu beijar o time inteiro do Flamengo no ônibus, depois do jogo.

Multidão: Beija! Beija! Beija! Beija!

Flora Thomson-DeVeaux: O Beijoqueiro parecia imparável. E ele até cantou a bola da próxima conquista. Em junho daquele ano, outra celebridade internacional ia vir pro Brasil pela primeira vez. Uma celebridade cuja presença era exigida há mais tempo do que a do Sinatra, até. O Papa.

O esquema de segurança ia ser ainda mais sinistro. Mas a polícia decidiu não só jogar na defensiva. Faltando uns poucos dias pro Papa João Paulo II chegar no Brasil, bateram lá no endereço do Beijoqueiro e levaram ele preso. Falaram que, assim que o Papa fosse embora, iam soltar.

Aliás, queria só deixar isso decantar um segundo... Imagina você ser visto como um cara tão perigoso a esse ponto. Ou imagina a polícia admitir que não tinha nenhuma estratégia melhor contra um motorista de táxi barrigudo e determinado. Que eles tinham que apelar pra medidas extremas. Acontece que, como talvez tenha te ocorrido já, essa prisão era ilegal.

Um jovem advogado pegou pra defender o Beijoqueiro e conseguiu soltar ele depois de uma semana na cadeia. O advogado não cobrou nada, claro, mas o cliente fez questão de pagar em beijos. E, numa história com um elenco tão variado e surpreendente, vou jogar mais um nome. Um nome que deixa aquela sensação de: "o roteirista do Brasil caprichou nessa". O tal advogado era ninguém mais, ninguém menos que... Roberto Jefferson. Aham. Aquele mesmo.

Bom, nesse tempo o Papa tava fazendo a grande turnê dele pelo Brasil. São Paulo, Salvador, Brasília, BH, Rio, Belém, Recife, Teresina... E nada do Beijoqueiro aparecer. A tour "Papa no Brasil" tava quase acabando. Última parada: Manaus.

Beijoqueiro: Ave Maria cheia da Graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres, bendito o fruto do vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores. Agora e na hora da nossa morte. Amém.

Flora Thomson-DeVeaux: Em Manaus, o Beijoqueiro provou que a polícia tinha razão de ter medo dele.

Beijoqueiro: ... eu passei por 500 mil pessoas e eu beijei o Papa. Eu beijei com tanta emoção. Ele estava com meias vermelhas e eu dei uns trinta beijos nos pés dele...

Flora Thomson-DeVeaux: Não sei se o Beijoqueiro ainda ia ser lembrado por ter beijado Frank Sinatra e o Papa no espaço de seis meses. Mas fato é que ele não parou depois disso. Muito pelo contrário. Ele continuou beijando pelos anos 80 afora. Jogadores de futebol. Sammy Davis Jr. Roberto Carlos. Mário Soares. Chefes do jogo do bicho. Figueiredo, de novo. Em 82 ele tentou

o Reagan, mas não rolou.

Em 83, ele deu uma de Tarzã, voou num lustre e pousou na mesa solene no meio da posse do Brizola como governador do Rio. O Brizola levou um puta susto... e um beijo na bochecha.

Em 85, o Beijoqueiro apareceu no discurso do Tancredo no Colégio Eleitoral.

***Tancredo Neves:** Reafirmo-lhes o compromisso de dedicar todo o meu esforço para que se amplie esse respeito pelos seus direitos...*

***Beijoqueiro:** Pelo amor de Deus, eu quero beijar! Sr. Presidente, eu quero dar um beijo!*

***Multidão:** Beija! Beija! Beija!*

Flora Thomson-DeVeaux: O Beijoqueiro chegou muito perto de beijar o presidente eleito. Segundo relatos, quem barrou foi um jovem neto do Tancredo. Um tal de "Aecinho".

Carlos Nader: Mas ele ficou, segundo ele, ele passou a noite inteira dentro do duto do ar condicionado do Congresso, em Brasília. Imagina. E disse que, assim, era apertado, apertado para ele ir. Foi assim que ele conseguiu entrar.

Flora Thomson-DeVeaux: Esse é o Carlos Nader de novo.

Carlos Nader: Ele é muito Forrest Gump também, porque ele sempre estava nos momentos importantes, posses de presidentes...

Flora Thomson-DeVeaux: Quando o Tancredo quase levou um beijo desse Forrest Gump lusitano, o Carlos ainda não era cineasta. Mas, alguns anos depois, quando ele começou a se enveredar pelo campo do documentário, o Beijoqueiro foi um personagem que ele pensou logo de cara.

Carlos Nader: Era um personagem mais absurdo do que um personagem de ficção. Né, daqueles que o roteirista seria no mínimo questionado e talvez até demitido de inventar... Imagina um cara que vai, que o atentado é beijar. Ele era, eu via ele como um artista. Quer dizer, ele era um cara que fazia uma performance. Só não tinha uma divisão, palco / plateia, ou vida / arte. Era tudo misturado. Ele fazia o trabalho artístico dele, a performance dele, o personagem, inclusive o nome, que tinha um nome próprio, não era nem o nome dele. O nome dele era José Alves de Moura. O personagem, Beijoqueiro. É um artista de fato.

Flora Thomson-DeVeaux: O Carlos achava que o Beijoqueiro não só era artista, como ele encarnava uma coisa muito única do Brasil. Apesar de ser português.

Carlos Nader: Mas é daquelas pessoas que se encontram no Brasil, que, inclusive, acabam virando uma espécie de “antena da raça”, né, para pegar emprestada a expressão do Pound, né, de que o poeta, o artista é a antena da raça.

Flora Thomson-DeVeaux: A antena da raça. Uma figura que capta algo que tá no ar. No caso, a essência de um povo.

Carlos Nader: Mas o que me interessou foi essa, essa encarnação, sabe, de uma coisa muito difícil de explicar pra um estrangeiro, do Brasil, dessa mistura louca de afeto e violência que tem aqui, né, uma mistura paradoxal de opostos, assim. Como um carnaval que é ao mesmo tempo uma explosão violenta, muitas vezes, mesmo que alegre na maioria do tempo, mas de uma violência, de uma expressão física que fica no limite da violência, mas com o afeto também. É uma coisa muito difícil de explicar, mas que ele encarnava, naquela loucura dele, na maluquice dele, encarnava muito bem.

Flora Thomson-DeVeaux: O afeto e a violência não tavam só no Beijoqueiro e os beijos meio estabanados que ele dava. A violência tava, muitas vezes, na forma como ele era tratado depois de roubar um daqueles beijos.

Beijoqueiro: *Vai me bater se me prender?*

PM: *Não, vou te prender.*

Beijoqueiro: *Mas vai me bater? Porque a Polícia Militar me bate.*

Carlos Nader: Ele apanhava, né? Ele apanhava... tinha, assim, sei lá, dezenas e dezenas de pontos pelo corpo inteiro. A mão toda torta, o joelho quebrado...

Beijoqueiro: *Oito pontos quebrados aqui, essa mão, quatro pontos. Nove pontos. Vinte pontos. Tudo colado. Aqui na cabeça, tem uns 36 pontos.*

Carlos Nader: Ele foi condenado várias vezes, mas ele era inimputável, né? Porque no Brasil, na época, pelo menos, havia três categorias de

inimputáveis, né? Que não cumpriam pena, né? As crianças, os menores de idade, os indígenas – índios na época, né, que falava –, e os doentes mentais. Ele se encaixava nessa terceira categoria. Ele não podia, apesar de ele ter sido detido 80 e tantas vezes, e ter sido encarcerado durante um ano e meio, e ter morado na Colônia Juliano Moreira, né, durante também acho que dois anos, uma coisa assim.

Beijoqueiro: [cantando] Eu sou o Jota Moura Beijoqueiro...

Carlos Nader: O diagnóstico oficial dele era, na época, "psicose maníaco depressiva com desejo de notoriedade". Eu achei que era um diagnóstico que servia bem para o país naquela época, sobretudo. Não que agora tenha mudado alguma coisa.

*Beijoqueiro: [cantando] Beije Roberto Carlos e Chacrinha/
Beije o Sílvio Santos e Pelé...*

Carlos Nader: Um país que, num primeiro momento se achava "Deus é brasileiro, aqui é muito legal" – Isso mudou, isso mudou bastante, mas na época era muito assim. No segundo seguinte, "não, o Brasil é o pior lugar do mundo".

Beijoqueiro: [cantando] E mando um beijo para toda a nação...

Carlos Nader: Ele diz que ele tomou uma coronhada uma vez, quando ele era motorista de táxi. E é que a partir daí é que ele mudou, ele deixou isso escapar. Mas não sei, não sei. Acho que também faz parte da mitologia. Era psicose maníaco-depressiva, né, atual bipolar, que hoje se chama bipolar. Ele ficava quase sempre em mania e

pouquíssimo em depressão. E foi o que eu vi, mesmo, na convivência era isso.

Flora Thomson-DeVeaux: A convivência entre o Carlos Nader e o Beijoqueiro começou mais de uma década depois daquele primeiro beijo – o do Frank Sinatra. Foi em 92. O Carlos tinha conseguido vender a pauta do Beijoqueiro pra uma produtora estrangeira. Tudo na vida é gancho, então eles aproveitaram que naquele ano ia ter outro mega-evento no Rio.

Carlos Nader: A Eco 92, né, aquela primeira conferência ecológica que foi realizada aí no Rio de Janeiro. Até então foi a maior reunião de chefes de Estado e tal...

Flora Thomson-DeVeaux: Maior reunião de chefes de Estado do mundo. Presas perfeitas para o Beijoqueiro. Eu perguntei pro Carlos como ele fez o primeiro contato.

Carlos Nader: Eu não lembro, como é que eu...? Ah, na época, eu acho que eu perguntei para algum jornalista, amigo e tal. Ele era uma figura famosa assim. Todo mundo sabia mais ou menos onde ele morava. Só que ele ficava pulando de pensãozinha em pensãozinha, assim, Ele era solteiro, muito solitário. E aí eu fui eu encontrei ele. Eu lembro quando eu liguei para uma, para uma pensão, para a primeira pensão, procurando ele, nem era que ele tava ainda. Eu falei "alô, o Beijoqueiro está? Eu queria falar com o Beijoqueiro", né? Parecia que eu tava ligando para o território da ficção, assim, já, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Num primeiro momento, o próprio Beijoqueiro desconfiou da proposta do Carlos.

Carlos Nader: Quando eu propus para ele, de fazer um documentário sobre ele, no começo ele achava que eu era da polícia porque estava e ele não acreditou. Sabe, “quando a esmola é muito, o santo desconfia”? E aí, quando ele foi vendo que era mesmo, aí ele pirou.

Flora Thomson-DeVeaux: O Carlos tinha medo de o protagonista do filme dele ser preso antes mesmo de as filmagens começarem.

Carlos Nader: A gente alugou um apartamento na Siqueira Campos. E tirei também um habeas corpus preventivo.

Flora Thomson-DeVeaux: O habeas corpus preventivo, no caso, era pra evitar uma situação que nem a da visita do Papa. Se resolvessem prender o Beijoqueiro antes da Eco-92, o Carlos já tava com o documento na mão pra soltar. Eles dois moraram juntos durante um mês e meio. Eu não consegui não perguntar pro Carlos quantos beijos ele levou nesse tempo.

Carlos Nader: Ah, muitos, mas ele, ele... Depois de uma hora ele parou, e eu pedi para ele parar, né? Mas era engraçado. Ele tinha uma técnica, e o beijo dele era suave, assim.

Flora Thomson-DeVeaux: Acho que eu não deixei claro até agora que o Beijoqueiro não beijava só gente famosa.

Carlos Nader: Ele não beijava só celebridades, mas ele sempre beijava como parte de um show. Quando não eram celebridades, ele ficava, sei lá, na Cinelândia, por exemplo, como pedinte, na rua, beijando pessoas para fazer um show e para ganhar dinheiro com esse show dele, né, com essa performance..."

Flora Thomson-DeVeaux: As pessoas davam dinheiro?

Carlos Nader: Davam. Ele pedia cada vez que tinha uma coisa assim, "Me ajude a beijar o Mike Tyson, a viajar... Colabore com..."

Flora Thomson-DeVeaux: Essa vaquinha.

Carlos Nader: É. Ele inventava uma coisa assim a cada hora.

Beijoqueiro: O senhor sabe onde seria essa rua, por gentileza?

Flora Thomson-DeVeaux: Usando uma micro-câmera, o Carlos captou o modus operandi do Beijoqueiro pelas ruas do Rio. A técnica era surpreendentemente parecida com a de um assalto. Ele abordava a pessoa, fazia uma pergunta qualquer pra despistar, e aí tascava o beijo.

Beijoqueiro: Eu quero beijar porque eu me sinto bem. Eu me sinto feliz em beijar. E, quando eu sou beijado, eu me sinto feliz mais ainda. Eu tenho muito amor pra dar.

Carlos Nader: Uma outra coisa interessante que eu vi, depois entendi... ele também encarnava a tradição antropófaga, antropofágica do Brasil. Ele também beijava só quem ele admirava, como os indígenas brasileiros faziam. Comer alguém, devorar alguém, para os indígenas canibais, né, antropófagos, é um ato de admiração suprema... se... você só come o inimigo que você admira, inclusive para incorporar as forças desse inimigo, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Se era pra incorporar as forças da pessoa beijada, o alvo do Beijoqueiro na Eco-92 não podia ser outro.

Carlos Nader: O ápice do filme seria um beijo no homem mais poderoso do mundo. Imagina. Nessa época, o George Bush pai, né, ficou no Sheraton. Metade do Sheraton era só a comitiva americana. Andares inteiros vazios, de segurança. Tinha uma fragata do exército ancorada na praia do Vidigal. E, no estacionamento do Sheraton, um tanque com um canhão apontado pra Rocinha.

Flora Thomson-DeVeaux: Cê tá de sacanagem.

Carlos Nader: Era, assim, a fragata enorme, maior que a praia, assim. E o Bush com aquela limusine que veio dos Estados Unidos, que suportava explosão de mina, bomba e tudo, né?

Flora Thomson-DeVeaux: De um lado: o serviço secreto americano. A segurança da ONU. De outro: o Beijoqueiro e seu roommate documentarista.

Carlos Nader: E então a gente tirou uma credencial de jornalistas para mim e para ele. Quer dizer: esse mesmo cara que tinha uma ficha corrida brasileira de sei lá quantas detenções, né... deram pra ele, porque ele era português e tinha o passaporte português, na época não tinha internet e tal... e também o lugar da conferência, o Riocentro, foi declarado território internacional, quer dizer, não era mais nem território brasileiro, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Mas o desafio não parava na credencial.

Carlos Nader: Antes, começou a sair nos jornais, principalmente no jornal O Dia...

Beijoqueiro: "Beijoqueiro corre o risco de ser morto." "Aumentou o risco de um avanço do Beijoqueiro sobre um chefe de Estado ser confundido com um ato terrorista e provocar a violenta reação de seguranças."

Carlos Nader: "Beijoqueiro está na mira da polícia". "Um provável ataque do Beijoqueiro pode ser considerado como um atentado, e ele corre perigo de vida porque ninguém vai entender que aquilo, que ele está lá para beijar alguém" ... E ele gostando disso. E eu ficava preocupado, e tal.

Flora Thomson-DeVeaux: O medo do Carlos era de que, na hora, o Beijoqueiro virasse um kamikaze.

Carlos Nader: Na hora de ele virar Beijoqueiro, o bicho ficava forte, assim, ia pra cima, assim, e era difícil de segurar.

Flora Thomson-DeVeaux: O Carlos achava que rolava um certo exagero dos jornais. Mas e se não desse para segurar o Beijoqueiro na hora? Ele realmente podia tá correndo perigo.

Carlos Nader: Essa coisa de uma pulsão de morte, sabe? Parecia que ele queria morrer. Ele falava, repetia muito: "vou morrer beijando, vou morrer beijando". Então dava medo, né? Mas mesmo assim nós entramos. E aí ele se escondeu num lugar atrás de uma samambaia, e ficou lá horas, horas escondido. Até que um bombeiro brasileiro reconheceu ele, e chamou o pessoal da segurança.

Flora Thomson-DeVeaux: Anticlímax total. O Beijoqueiro não chegou perto do Bush, nem do Mitterrand, nem do Fidel Castro. Saiu escoltado, jogando beijinho pra câmera.

Carlos Nader: Vieram os americanos, a segurança do Bush... E aí iam levar a gente, nós todos para a delegacia para ser detidos lá, né? Aí eu conhecia, de outras reportagens e documentários, o Tuminha, que era o chefe da Polícia Federal e da Interpol, também. O pai era da Polícia Federal e o filho da Interpol no Brasil. E conversei com ele e ele falou – “Tudo bem. Então só vai embora. Não vamos mais prender vocês. Só não aparece mais aqui.” E aí a gente parou. Foi quando a gente terminou o documentário.

Flora Thomson-DeVeaux: Afinal, só ele que era inimputável, né, do grupo.

Carlos Nader: Pois é! Eu acho que se não fosse jovem assim, hoje em dia, acho não, não tenho a menor dúvida que eu não teria a mesma coragem, nem paciência...

Flora Thomson-DeVeaux: Cê era comparsa! Cês pintaram o cabelo dele. Tudo documentado.

Carlos Nader: É. É que não é um crime, né? Beijar não é crime, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Beijar não é crime... né? Na verdade, desde a época do Beijoqueiro, a legislação mudou. Hoje em dia, o que o Beijoqueiro fazia podia ser considerado importunação sexual, ou até agressão. E – não sei se é meu sangue norte-americano falando alto, mas eu não acho isso ruim. Muito

pelo contrário. Eu confessei pro Carlos que o Beijoqueiro me despertava sentimentos muito fortes e misturados. Por um lado, a obstinação dele é maravilhosa. Por outro, eu não sei como eu reagiria a um ataque do Beijoqueiro.

Carlos Nader: Não tinha, é... não tinha absolutamente nada de sexual no beijo dele, nada, zero. Era realmente uma coisa afetiva assim, sabe? Engraçado, eu fui educado no colégio francês e numa tradição europeia e tal. E como paulista, também, que depois morei muitos anos no Rio, tenho adoração pelo Rio. E é difícil de entender uma coisa brasileira, carioca, que é essa ideia da invasão de uma privacidade que muitas vezes é um apartheid, só. Muitas vezes a boa educação, uma espécie de apartheid com o qual você não troca com o outro, você não se toca literalmente, cê não toca o outro e não troca também, né? Então, muitas vezes, a falta de educação carioca, assim, a coisa despachada, irreverente, é um jeito de você chegar no outro.

Flora Thomson-DeVeaux: Um jeito de chegar no outro.

Carlos Nader: Ele é um cara super legal. Ele era, né? Um cara super legal e difícil de conviver, porque é muito intenso e não muito ortodoxo, né, digamos assim. Mas é um cara muito bom, muito puro, muito bem intencionado. Muito. Tenho saudades dele.

Flora Thomson-DeVeaux: Depois do período da filmagem, o Carlos ainda manteve contato com o Beijoqueiro durante um tempo.

Carlos Nader: Só que depois foi difícil manter assim, porque, sei lá, às vezes chegava em casa, tinha dez recados dele. "Carlinhos, Fulano de tal está vindo para cá. Vamos beijar ele!"

Flora Thomson-DeVeaux: Meu Deus!

Carlos Nader: Quando ouvia "vamo beijar", falei "ih"... Aí eu falei: "Não, tá fora de..." Aí a gente ficou mais afastado, assim.

Flora Thomson-DeVeaux: Tinha sido uma experiência muito intensa. Mas depois de alguns anos, o Carlos ficou com vontade de rever o Beijoqueiro. A última aparição pública do Beijoqueiro que eu achei é de 2009. Ele apareceu na posse do prefeito Eduardo Paes, foi barrado pelos seguranças, anunciou que ia até Washington beijar o presidente Obama, e foi embora.

Carlos Nader: E ele sumiu. A partir de 2011, se não me engano, não tem mais registro nenhum financeiro, muito menos de vídeo e tal. E eu procurei, liguei para todo mundo, ninguém achou. Fizemos uma matéria no O Dia, que era o jornal que ele lia, mostrando que eu estava procurando ele. O repórter deu o telefone ou e-mail, sei lá, mas nada, não... não apareceu.

Flora Thomson-DeVeaux: Aí, no meio da pandemia, um outro jornalista ligou pro Carlos. Ele disse que ele tinha uma notícia boa e uma notícia ruim. A boa notícia era que ele tinha achado o Beijoqueiro. A má notícia é que ele tinha morrido fazia poucos meses, no final de 2020. A gente sabe pouco sobre os últimos anos da vida do Beijoqueiro. Parece que ele morou na Baixada Fluminense com uma senhora que sustentava ele. Nem eu, nem o Carlos conseguimos entrar em contato com ela.

Carlos Nader: Queria ter pelo menos conversado com ele, ver se era o caso de continuar a fazer o filme, tudo... Enfim, mas não sei, o destino não quis.

Flora Thomson-DeVeaux: O que é que a figura dele te diz hoje?

Carlos Nader: Como sempre, é um misto. E acho que é essa a riqueza, a humanidade dele, assim, a complexidade dele. Na verdade, assim, nada me interessa mais do que a complexidade hoje em dia, sabe? No momento em que ela está sob ataque, da direita, da esquerda, de cima, de baixo. A ideia de um mundo complexo, de um mundo que tem paradoxos.

Ele é um personagem rico, desses personagens quase anônimos – ele não era exatamente anônimo, mas representava o anonimato, assim, sabe? Nessa busca pela celebridade, ele era uma espécie de representante, meio macunaímico, assim, sabe? Nesse sentido, assim, um herói meio... meio anti-herói.

Você mesma disse essas sensações mistas que ele gera, que já gerava naquela época e hoje em dia eu vejo às vezes com tristeza. Puxa vida, uma pessoa que sofreu para burro para fazer o que fazia. Que morreu abandonado, sem recurso, alcólatra e tal. Mas lembro também o legado que ele deixou também sempre se fala dele para pessoas mais velhas brasileiras que conheceram, cê fala a palavra, a pessoa abre um sorriso.

E ao mesmo tempo, são reflexões que eu faço, mas quando eu fazia na época, era assim: “O Beijoqueiro? Qual o interesse dessa figura?” Sabe? Por que, né? Fiquei contente de você ter se interessado também, porque cê não conhecia. Nem tava no Brasil, nem estava nascida, talvez.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu fiquei interessada no Beijoqueiro desde que eu ouvi falar dele. E o primeiro recorte de jornal sobre ele que eu li continua sendo o meu preferido. Foi uma notinha sobre a posse de outro prefeito do Rio, o César Maia, em 2001. Só diz assim:

“Durante o discurso de posse do prefeito, o Beijoqueiro, que chegou cedo à cerimônia, ameaçou se jogar da galeria para beijar César Maia. Ele foi retirado às pressas por policiais e continuou gritando. A manifestação não rendeu o resultado desejado, já que César Maia se comportou de maneira indiferente e não atendeu o pedido de beijos.”

Não tem nada de mais. Mas o que eu adoro é o tom completamente displicente da nota. Já houve um tempo em que ninguém precisava explicar quem era o Beijoqueiro, porque que ele aparecia nos lugares, o porquê da necessidade insaciável de beijos. É realismo fantástico puro.

O Carlos falou para mim que o Beijoqueiro é de uma época em que tinha algo de infantil, ingênuo, na vida brasileira. A ingenuidade de roubar um beijo na bochecha de um político, de um cantor, de um transeunte.

O próprio Beijoqueiro deixou de ser o Beijoqueiro ainda em vida. E dá pra pensar que não foi essa espécie rara e curiosa – o Beijoqueiro – que entrou em extinção.

Foi o Brasil em que um Beijoqueiro pudesse surgir e florescer. Esse Brasil deixou de existir.

Tá, tudo bem, as bochechas dos pedestres do Rio de Janeiro estão mais protegidas. Mas a que custo?

Branca Vianna: Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Novelo.

A nossa segunda história do Rádio Novelo Apresenta de hoje não é sobre uma extinção ainda. E essa história começa com alguém que tá tentando, numa escala muito pequena, evitar o pior. Quem toca aqui é a nossa produtora Clara Rellstab.

ATO 2

Clara Rellstab: Tem gente que é doida por gato. Tem gente que não pode ver um cachorro na rua que para pra dar carinho. E tem a Márcia.

Márcia Freitas: Minha irmã fala: “você só pensa em jumento!” Eu “é, só penso em jumento.” E ela, “mas existe cachorro, gato, mas tu só quer saber de jumento, eu acho que tu era um jumento na outra encarnação”, e eu digo “é, pode ser que eu seja, não tem problema, não.”

Clara Rellstab: A Márcia só pensa em jumento.

Márcia Freitas: Bom, meu nome é Márcia, Márcia Freitas.

Clara Rellstab: Mas ela não só pensa...

Márcia Freitas: Eu sou tutora do Abrigo Menino Vaqueiro, certo, um abrigo de jumentos...

Clara Rellstab: Há quase dez anos, a Márcia resgata jumentos vítimas de maus tratos, que foram atropelados nas estradas ou abandonados nas ruas de Fortaleza, no Ceará. Tudo começou com uma jumentinha que ela e a irmã viram abandonada e machucada numa avenida da cidade.

Márcia Freitas: A gente tirou ela lá do local, colocou ela em um terreno que tinha, baldio, próximo lá da nossa casa, e comecei a cuidar dela, a fazer curativos, levei veterinário lá, comecei a aplicar medicações pra que ela ficasse bem, né? Graças a Deus ela melhorou. Até aí, eu só falava assim “ah, vou cuidar dela, mas depois eu solto, não vou ficar com ela pra mim”. Só que a Princesa, ela... ela, assim, me cativou muito.

Clara Rellstab: A Princesa foi a primeira.

Márcia Freitas: Aí começou a vir. Começou a vir um, depois mais um, eu dizendo que não queria, que eu ia só cuidar e depois soltar...

Clara Rellstab: Tá, quem nunca pegou um gatinho ou cachorrinho pra cuidar só durante um tempo, ou até achar um dono – e acabou ficando pra sempre com o bicho? Mas o negócio é que com cachorro, com gato, tirando o risco normal de acidente, eles vivem até que de boa na rua. Tem sempre alguém pra dar comida, água, carinho. Mas com um jumento o negócio é um pouco diferente. Pra começar: não é comum ter jumento de estimação, né? A Márcia é exceção.

Márcia Freitas: Se eu pudesse, eu pegaria todos os jumentos que eu via no meio da rua, menina, pareço uma doida.

Clara Rellstab: E não é só porque ela acha os jumentos fofinhos. É mais uma missão que ela tomou pra si.

Márcia Freitas: Tirar eles da rua. E tirar eles até do abate, da zona do abate, como estão sendo utilizados os jumentos...

Clara Rellstab: A rua: a "zona de abate"... se bem que nem dentro do abrigo eles tão totalmente a salvo.

Márcia Freitas: E até porque eles já foram roubados duas vezes, e isso me dá muito medo, muito medo de perder eles de novo. Esse senhor, ele roubou nove jumentos do abrigo. Quando ele roubou, no dia, na noite, no outro dia, quando eu cheguei lá, nesse terreno onde eles ficavam, que eu vi o portão aberto e não tinha mais nenhum jumento lá, eu fiquei desesperada. Foi 10 reais que eles venderam.

Clara Rellstab: Tem gente caçando jumento na rua – e até invadindo o abrigo pra vender.

Márcia Freitas: Cada vez mais eles levam os jumentos. Cada vez mais os jumentos são abatidos. É difícil. Porque as pessoas, elas não se conscientizam de que o jumento é um símbolo do nosso Nordeste, as pessoas não tão nem aí, não. A gente não vai demorar muito tempo pra desaparecer. Não vai demorar pra acabar...

Clara Rellstab: Acabar aqui não é força de expressão, tá? Eu sei que quando cê pensa em animal em extinção, não deve ser um jumento que vem na sua cabeça. O que vem provavelmente é, sei lá, um mico-leão dourado, um lobo-guará, uma onça-pintada... Mas vamos voltar um pouco nessa história. A gente acabou de ouvir a Márcia falando que jumento é "o símbolo" do nordeste. E meu sotaque não nega, né? Eu fui criada no interior da Bahia, numa cidadezinha minúscula chamada Palmeiras, na Chapada Diamantina.

O clima de lá tava longe de ser aquela caatinga braba, de solo rachado e cacto pra todo lado, né, a imagem que muita gente de fora tem do nordeste. Mas a gente tinha, sim, períodos longos de seca. E eu lembro de ver, nessas épocas mais secas, que, quem morava na zona rural e não tinha cisterna ou poço, usava os jumentos não só como meio de transporte mas também pra carga, pra transportar água, principalmente. Quando eu era criança – no fim dos anos 90, começo dos anos 2000 – essa era uma cena bem comum: ver uma pessoa passando com um jumento, carregando uns galões enormes de água. E essa não era uma cena comum só em Palmeiras, claro. Era no Nordeste todo.

Mariana Gameiro: Que antes ele era muito utilizado pro trabalho, super importante pra população local...

Clara Rellstab: Essa é Mariana Gameiro. Ela é pós-doutora em Antropologia Veterinária e Social. E cê reparou que ela tá falando no passado, né? Que o jumento "era muito utilizado". É que...

Mariana Gameiro: A gente passa por um processo de modernização do Nordeste, que é importante. Então, pavimentação das estradas, construção de cisterna e sistema de distribuição de água, a questão da motorização da sociedade, quer dizer, as pessoas usam cada vez mais moto ou outros tipos de transporte, motorizado. Então, com isso tudo, o jumento começou a perder um pouco da importância econômica.

Clara Rellstab: "O jumento começou a perder importância econômica". Eu acompanhei isso também lá em Palmeiras. Na feira que rolava todo sábado na praça principal, eu comecei a reparar que o que costumava ser uma espécie de "estacionamento de jumentos" tava virando um estacionamento de motos. E se o meu depoimento pessoal e a fala de Mariana ainda não foram suficientes pra te convencer, o próprio Lula, que era presidente nessa

época, falou sobre isso recentemente, naquela tal entrevista que ele deu pro podcast *Flow*, se liga:

Lula: A coisa mais orgulho que eu tinha, quando eu chegava no Nordeste, os caras falavam, "ô, Lula, encostei o meu jumento e comprei uma motocicleta!" O governador do Ceará me contou que ele encontrou oito mil jumentos abandonados... sabe, ele teve que criar um lugar pra guardar os jumentos, porque o cara evoluiu!

Clara Rellstab: E essa mudança de cenário teve duas consequências principais:

Mariana Gameiro: A primeira é do ponto de vista da apreciação simbólica que a gente faz do jumento. Quer dizer: ele passou a ser associado muitas vezes a uma coisa antiga, ou pouco evoluída, digamos assim. O outro reflexo dessa, desse processo de modernização, urbanização e tudo mais, é que os jumentos acabaram sendo abandonados. Isso traz uma série de outros problemas, mas eu... eu vou deixar você falar, porque se não eu vou falar tudo duma vez...

Clara Rellstab: Aconteceu com as fábricas de tecido na Revolução Industrial, lá na Inglaterra; aconteceu com a chegada das motos no Nordeste. E o jumento não ficou só "desempregado", digamos assim. O bichinho acabou sendo deixado de lado. Abandonado mesmo. Eu cansei de ver os animais magricelos vagando pela cidade, ou soltos na estrada, por exemplo. E lembro das notícias sobre os acidentes de carro envolvendo jumentos. Ninguém parecia dar muita importância pra situação. Tipo: não tem mais função pro jumento; vida que segue. Só que o estorvo de uns é o tesouro de outros, né?

Eduardo Bezerra: E eles tão comprando jumentos no Nordeste inteiro.

Clara Rellstab: Esse é Eduardo Bezerra, membro da União Internacional Protetora dos Animais. O "eles" que Eduardo tá falando – que tão comprando os jumentos nordestinos – são os chineses. Mas que que a China quer com os jumentos?

Eduardo Bezerra: Eles querem o couro porque o colóide que liga o couro à pele dos jumentos é a matéria-prima pra uma panaceia que eles têm, da cultura deles, que chama ejiao, que é, sei lá, um remédio pra impotência, aquelas coisas de... de...

Ju Bao: Tem gente que fala que ele é comida, tem gente fala que ele é remédio...

Clara Rellstab: "Ele", no caso, é o "ejiao", a tal panaceia chinesa. E essa moça que tá falando é a...

Ju Bao: Então meu nome em chinês é 保宏滑. Então eu sei que está difícil falar. Não podia me chamar de Ju, ou Ju Bao, que é mais fácil.

Clara Rellstab: A Ju Bao mora no Rio de Janeiro há mais de dez anos, é professora de chinês e tem um canal no YouTube em que ela conta, em português, aspectos da história da China. A gente foi atrás da Ju pra entender o que é o ejiao.

Ju Bao: Eu tomava ele. Olha que ela é meio parecido a uma bala, na verdade muito parecido a jujuba também.

Clara Rellstab: Bala. Jujuba. Ok, eu imagino que cê esteja torcendo o nariz aí pruma jujuba feita de pele de jumento. Eu também estranhei quando eu ouvi. Mas aí eu lembrei de uma coisa que é até bem comum nas casas brasileiras

– e cuja origem não é tão diferente assim do ejiao: a geleia de mocotó. Cê tá ligado que o mocotó é feito a partir do cozimento de osso, pele e cartilagem de boi e de porco, né? E o pessoal passa feliz a geleia na bisnaguinha, come no café da manhã... Tem também as gelatinas. Não sei se todo mundo sabe que a maioria das gelatinas e das balas de goma são feitas num processo bem parecido. Eu evito pensar nisso quando tô comendo uma jujuba, mas essa consistência dela nada mais é do que colágeno animal. Fora umas poucas marcas veganas que fazem jujuba e gelatina a partir de algas marinhas, quase todo o resto é feito num processo chamado "hidrólise parcial de colágeno".

Funciona assim: o couro, os ossos e os tecidos de ligação desses animais são triturados, jogados num ácido que separa o colágeno dos outros resíduos, depois esse colágeno é fervido, e fica com aquela consistência gelatinosa. Com o ejiao é a mesma coisa – só que, pra ele ser um ejiao verdadeiro, o único animal usado nesse processo tem que ser o jumento. E é bem comum encontrar ele numa textura parecida com a de jujuba mesmo, tipo uma bala de goma. E é todo um universo. Achei até uma versão de ejiao mais "gourmet" com gergelim preto, semente de noqueira, açúcar e vinagre de arroz. A aparência, na foto, é meio de um misto de jujuba com torrão. Parece até gostoso, não vou mentir.

Ju Bao: Você tem vários jeitos para tomar ele. O jeito mais fácil é você colocar com água quente e junto com açúcar mascavo. Tá? Aí ele mistura meio parece um chá. É gostoso.

Clara Rellstab: Mas o negócio é que, diferentemente da gelatina e das jujubas, o ejiao tem fins medicinais.

Ju Bao: Principalmente é para tratamento das doenças que é ligado com mulher. Eu não sei como falar isso, mas atua quando você tem menstruação.

Clara Rellstab: Ju lembrou de cara do uso do ejiao pra dores e desconfortos da menstruação, tipo cólica, mesmo. Mas dependendo do site, o ejiao é vendido com promessas diferentes: desde remédio pra dor de cabeça, passando pelo combate ao envelhecimento, até a cura pra impotência sexual. Um verdadeiro elixir da juventude. Exageros à parte, a gente encontrou, sim, um estudo que dizia que o ejiao tem um efeito hematopoiético – quer dizer: que aumenta a quantidade de hemácias no sangue e, portanto, ajuda no tratamento de doenças como anemia, e até os efeitos da perda de sangue durante a menstruação. No caso dos incômodos menstruais, aliás, Ju Bao garante que o ejiao é tiro e queda.

Ju Bao: Dor de cabeça, dor na barriga... O ejiao é extremamente bom para isso. E essa funciona, essa funciona.

Clara Rellstab: Eu fiquei muito intrigada pra saber de onde veio essa ideia da jujuba de jumento como panaceia chinesa. Bom, primeiro eu encontrei que o registro mais antigo sobre ejiao apareceu num compilado de medicina chinesa chamado *Matéria Médica de Shen Nong*, que estima-se ter sido publicado no século III antes de Cristo. Esse é um livro clássico da medicina, dá pra achar em português em qualquer livraria online, por exemplo.

Mas acontece que aí, nessa primeira aparição do ejiao, tá escrito que ele pode ser feito a partir da pele de "qualquer animal"... Ou seja, por essa definição, qualquer jujuba ou qualquer gelatina – se não vegana – então, podia ser ejiao.

Isso até 1723, quando foi publicado um relato de viagem de um jesuíta francês. Tá no texto desse jesuíta, chamado Dominique Parrenin, o primeiro registro de que o ejiao, pra ser verdadeiro, tem que ser feito exclusivamente de pele de jumento. O Parrenin escreveu que o ejiao verdadeiro era fabricado só pra corte da Dinastia Qing – que, inclusive, foi a última dinastia

imperial da China. E que, pra ser de verdade mesmo, ele tinha que ser feito a partir da pele de um jumento preto. Tinha que ser preto. E tinha também que ser recém-abatido e bem nutrido.

Específico, né? E, mesmo sendo um artigo de super luxo, fabricado pra uma minoria de chineses – só a Corte –, não tinha população de jumento preto bem nutrido que desse conta do tamanho da demanda. E, aí, lógico que começou a aparecer ejiao falsificado: feito de mula, cavalo, camelo, porco... e até de sapato velho.

E A Revolução Cultural do Mao Tsé-tung – que inaugurou o comunismo chinês – não acabou com o ejiao: eu encontrei registros da jujuba em edições da *Farmacopeia da República Popular da China* – que reforçava que o único ejiao certificado, com propriedades medicinais, é aquele feito a partir da pele de jumento. Mas, até aí, era uma coisa muito restrita a um grupo pequeno de chineses que podiam pagar pelo ejiao.

Até que, com o começo da abertura econômica da China – entre os anos 90 e 2000 – começou a circular a história de que o ejiao não era só um remédio multiuso poderoso... ele era também um produto de beleza. E vamos combinar que beleza vende mais do que saúde, né?

Ju Bao: Então, quando você vai ficando mais rico, com mais condição, as meninas sempre quer ficar mais bonita. De ficar, tipo, ficar mais jovem para sempre. Esse sonho de qualquer mulher, em qualquer cultura. E na China também.

Clara Rellstab: O resultado disso foi que, nos anos 90, a demanda pelo ejiao disparou. E pele de jumento virou uma commodity extremamente rara e cara.

Eu achei uma reportagem de um jornal asiático que fala que um quilo de pele era vendida por até 300 euros. Até que, com o mercado chinês se abrindo, veio a ideia óbvia, né? Importação.

Ju Bao: E a China começou a procurar o ingrediente mundialmente.

Clara Rellstab: Porque, pra suprir a demanda de ejiao, era preciso até 10 milhões de jumentos por ano.

Ju Bao: Eu só sabia de África.

Clara Rellstab: Primeiro, eles foram buscar a matéria-prima no continente africano. Mas a matança foi tão desenfreada que, por volta de 2010, alguns países africanos proibiram a exportação de jumentos pra China. Uganda, Tanzânia, Botswana, Nigéria, Burkina Faso, Mali, Senegal – todos esses. E aí, com o mercado africano se fechando – e com a demanda pelo ejiao só aumentando – os chineses precisaram ir um pouquinho mais longe pra conseguir a iguaria. E onde é que tava "sobrando" jumento sem dono por aí? Brasil. Nordeste.

Ju Bao: Assim que chegar no Brasil, uma grande surpresa para mim. Não estava sabendo que aqui também.

Clara Rellstab: Em 2015, a senadora Kátia Abreu, que na época era ministra da Agricultura, fez uma viagem oficial à Ásia, e passou pela China. E ela contou no Twitter sobre um encontro que ela teve com um empresário chinês interessado em importar jumentos do Brasil. Vou ler aqui o tuíte. *Abre aspas: "Pareceu piada. Inacreditável, mas sua demanda é de um milhão de jumentos por ano. Morro e não vejo tudo". Fecha aspas.* Kátia Abreu achou inacreditável, mas...

Gislane Junqueira: O Poder Público brasileiro disse "ah, é? Tem valor? Então tomem".

Clara Rellstab: E isso não foi muito depois da viagem da Kátia Abreu, não.

Gislane Junqueira: ... desde 2016, quando aqui na Bahia, através da portaria 255 da ADAB, infelizmente foi estabelecido o abate de jumentos.

Clara Rellstab: Essa aí é a Gislane Junqueira, advogada, ambientalista com foco na proteção animal, e coordenadora da Frente Nacional de Defesa dos Jumentos. E essa sigla que ela mencionou, ADAB, é a Agência de Defesa Agropecuária da Bahia. Então, nesse embate de Defesas – "Agropecuária" versus "Jumentos" – Gislane tá do lado dos jumentos – que é obviamente o lado mais fraco dessa história. Ela falou com a gente de Salvador, na Bahia – a Bahia que é o único estado brasileiro que autoriza o abate de jumentos. E tem três abatedouros oficiais por lá.

Em Amargosa, por exemplo, que fica no sudeste da Bahia e tem 40 mil habitantes, o abatedouro Frinordeste é o terceiro maior empregador da cidade – só perde pra prefeitura e para uma fábrica de sapatos. Lá, o destino dos animais abatidos não é nenhum segredo. O Frinordeste tem até um letreiro em ideogramas chineses na fachada.

A Gislane sabe que, nessa briga do agronegócio contra os jumentos, o que acaba falando mais alto – ainda mais num contexto de Brasil em crise – é sempre a importância dessa indústria na economia local.

Em 2018, por exemplo, quando o abate foi suspenso depois de várias denúncias de maus-tratos aos animais, todos os poderes fizeram coro pela liberação: o então prefeito Júlio Pinheiro, o governador da Bahia, Rui Costa, e o recém-eleito presidente Jair Bolsonaro. Até o Kassio Nunes Marques, que hoje é ministro do STF. Na época, ele era desembargador e decidiu que a

liminar da Justiça baiana era "prejudicial para a economia do estado". O argumento do prefeito de Amargosa seguia pela mesma linha.

Gislane Junqueira: Eles alegaram de que o fim do abate de jumentos iria causar um dano ao município. O que não é verdade, os frigoríficos que abatem jumentos, eles têm também outras atividades. Se existe de um lado pessoas ganhando muito com esse jumento – e não é o Brasil inclusive, pode ser um pequeno grupo de brasileiros, pequenininho, mas o país, não –, existe uma corrida para pegar esses animais. Porque, há também aí a exploração do ser humano que passa fome.

Clara Rellstab: O "ser humano que passa fome", que Gislane fala, é o cidadão comum que encontra esses jumentos abandonados e vende eles pro abate por 10 a 20 reais. Só pra comparar, os trabalhadores do abatedouro de Amargosa ganham o salário mínimo – pouco mais de mil reais por mês. Segundo o último relatório divulgado, só esse frigorífico faz quase 5 mil abates por mês. E esses jumentos abatidos, claro, não foram todos encontrados só na região de Amargosa. Nem só na Bahia. Quem me explicou isso foi Mariana Gameiro, a pós-doutora em Antropologia Veterinária e Social que apareceu aqui agora há pouco.

Mariana Gameiro: A nossa pesquisa mostrou, os jumentos que são abatidos na Bahia, eles vêm de todo o Nordeste e mesmo de alguns estados do Norte. E isso é um problema seríssimo, porque, primeiro, as condições de transporte são terríveis, os animais, eles viajam por muitas horas, eles não têm água, eles não têm descanso, muitas vezes eles não comem...

Gislane Junqueira: Na prática é o seguinte: é capturar animais de qualquer forma, sem nenhum respeito...

Clara Rellstab: Aqui, de novo, a advogada Gislane.

Gislane Junqueira: Então assim, existe uma lei de proteção animal que não pode maltratar animais, que está sendo totalmente desrespeitada. Eles vão capturando animais, ainda compram os animais por qualquer preço. Esses animais são colocados em caminhões, saem andando pelo estado todo dentro desse caminhão, vários morrem no caminho...

Clara Rellstab: Bom, talvez você esteja pensando: "ué, e não é a mesma coisa com o abate de bois ou, sei lá, de porcos pela indústria alimentícia?". E não é, porque no caso dos jumentos, não existe uma cadeia de produção que renove o rebanho, como acontece com o gado, por exemplo. Não existe criação de jumento pra abate no Brasil. O regime é extrativista – tipo a caça de jacaré e de cobra pra fazer bolsa. Só que de um jeito muito mais descontrolado. E sem o apelo dos animais silvestres da fauna brasileira. O jumento é capturado da natureza e morto. Simples assim.

Mariana Gameiro: Se você cria uma indústria nova, uma utilização nova pra uma mercadoria, cê tem que saber da onde ela vai vir. E aqui no Brasil o que foi feito é que toda essa parte do abate foi estruturada, os abatedouros foram montados, a exportação foi garantida, e ninguém se preocupou com da onde iam sair os jumentos.

Clara Rellstab: "Da onde iam sair os jumentos". Mariana tocou num ponto importante, porque enquanto uma vaca leva de 9 a 10 meses pra gerar um bezerrinho, a gravidez de uma jumenta leva de 12 a 13 meses. E não é só parir e pronto – tá pronto pra virar ejiao...

Mariana Gameiro: Leva mais ou menos 3 anos pra um jumento atingir um tamanho razoável pro abate. Ele não é um animal super produtivo pra responder a uma demanda industrial dessa forma. E isso coloca

um problema de sustentabilidade pra esse potencial negócio muito sério.

Clara Rellstab: Mariana percebeu que essa conta não fechava, e resolveu soar o alarme – mas do jeito que acadêmico soa alarme: publicando um artigo científico. No artigo, ela mostrava que o abate de jumentos pra exportação tinha crescido 8 mil por cento entre 2015 e 2019, e que isso ameaçava a raça no Brasil. Nesse passo, a raça pode, sim, entrar em extinção muito em breve. Mas a gente precisa tomar cuidado com esse termo.

Mariana Gameiro: ... que extinção é um termo muito forte e muito caro pra ecologia, pra ciências biológicas, e ele é muito específico assim, até um animal chegar à extinção, é um caminho muito longo.

Clara Rellstab: Aqui eu acho que merece a gente fazer uma pausa pra entender direito de que bicho a gente tá falando. O jumento nordestino pertence à espécie dos *Equus africanus* – que é o nome do ancestral dele. Esse bicho ainda existe nessa espécie "pura" – entre todas as aspas – só numa região bem específica do chifre da África, entre Eritreia, Etiópia e Somália.

Todas as subespécies descendentes desse ancestral têm esses dois primeiros nomes – *Equus africanus* –, e ganham mais um "sobrenome", entre aspas.

Tem, por exemplo, um chamado *Equus africanus somaliensis*. Mas a subespécie que mais se popularizou pelo mundo inteiro se chama *Equus africanus asinus*.

Talvez a palavra "asinus" teja te soando familiar... sim, o "asno" é um *Equus africanus asinus*. Aliás: vários xingamentos em português, todos sinônimos de "idiota", pertencem a essa mesma subespécie *Equus africanus asinus*: asno, jerico, burro, jumento... é tudo sinônimo.

Um parêntese aqui, porque tem um detalhe de nomenclatura que complica ainda mais essa taxonomia que a gente tá esmiuçando. Aqui no Brasil, a gente chama de "burro" dois bichos diferentes: tanto o asno, jumento, jerico, etc... quanto o cruzamento desse bicho com o cavalo – que é um bicho híbrido, que não consegue procriar. Quando é fêmea, a gente chama esse híbrido de mula. Que também é xingamento, aliás...

Acontece que mesmo tão difamado, o jumento fez sucesso mundo afora porque ele é um bicho muito forte, muito resistente, e muito tolerante com a encheção de saco dos homens... quer dizer: o jumento sempre foi muito útil como bicho de carga. Eu vi um estudo dizendo que o jumento, inclusive, foi domesticado antes do cavalo.

Tem monumento egípcio com jumento desenhado – contando a história da viagem de Abraão ao Egito. O jumento aparece muito no Gênesis da Bíblia.

Eu li também um estudo que fala que o jumento, aliás, foi um fator crucial pra manutenção da unidade nacional brasileira – porque em muitas partes do território, na ausência de rios navegáveis, o único meio que permitia o transporte de mercadorias pra exportação eram os burros-de-carga.

Fala aí, a gente deve muito aos jumentos.

Agora calma que a subespécie dos jumentos, o *Equus africanus asinus* não corre risco de extinção. Quem tá sendo ameaçado por essa corrida maluca pelo couro pra fazer ejiao é a raça "jumento nordestino". Que é só uma das três raças do *Equus africanus asinus* no Brasil. E foi a antropóloga Mariana Gameiro me contou isso.

Mariana Gameiro: A gente tem no Brasil três raças de jumentos, o jumento nordestino, o jumento paulista e o pega.

Clara Rellstab: O jumento nordestino é o mais numeroso e o menorzinho deles. Eu confesso que, olhando assim, eu não ia conseguir diferenciar uma raça de jumento da outra. Não é que nem cachorro, que é impossível confundir um pinscher e um labrador – mas, aproveitando o paralelo com os cachorros, é como se só o poodle tivesse ameaçado de extinção. Ainda ia existir cocker spaniel, pitbull, dálmata, e por aí vai.

E talvez a ameaça ao jumento nordestino nem seja só porque nem todo mundo é como Márcia Freitas – aquela do abrigo Menino Vaqueiro, que é louca por jumento.

Márcia Freitas: "Ah, só pensa em jumento" ...

Clara Rellstab: Aparentemente o público não embarca tanto no alerta da ciência quando uma raça fica ameaçada de extinção. Mico-leão-dourado, onça pintada, lobo guará, tudo isso é espécie. A ameaça a uma espécie chama mais a atenção. Realmente soa muito mais "irreversível" do que a extinção "só" de uma raça, né? Tipo: que que o mundo perde se o jumento nordestino sumir do mapa? Perde muito.

Mariana Gameiro: Cada raça específica, cada linhagem, eles têm uma carga genética que é particular e específica pra eles, e do ponto de vista da biodiversidade, se você extingue com uma raça você perde toda essa riqueza genética que tem a sua função na natureza, tem a função pra manutenção de outras espécies, enfim...

Clara Rellstab: No caso do jumento nordestino, então...

Mariana Gameiro: A gente teria, em termos biológicos, um empobrecimento do estoque, digamos assim, do patrimônio genético nordestino, por exemplo.

Clara Rellstab: Eu não sei você, mas eu não tô com estrutura pra sofrer uma perda no patrimônio genético nordestino. A gente nem precisa ter a paixão da Márcia pelos jumentos, nem ter coração mole pra bicho em geral pra ficar preocupado com a ameaça de extinção de uma raça.

É impossível calcular de antemão quais seriam as consequências desse "empobrecimento do patrimônio genético". Talvez tenha algum gene específico do jumento nordestino que pode ajudar o ser humano a curar alguma doença, por exemplo.

Agora: a gente sabe que a indústria farmacêutica não dorme no ponto – e todo esse interesse crescente em torno do ejiao estimulou uma série de pesquisas científicas sobre jumentos. Desde como aumentar os rebanhos, melhorar a fertilidade, como até podem chegar a produzir pele artificial.

Pode ser que em algum dia não tão distante, os jumentinhos nordestinos fiquem de boa pastando por aí, enquanto o ejiao sintetizado em laboratório sai direto pras gôndolas do mercado – com gergelim, cranberry, paçoca, goiabada, o que for.

Mas também tem uma boa chance de que, até lá, algumas raças de jumento tenham acabado pra sempre.

Branca Vianna: Essa foi a Clara Rellstab, e ela apurou essa história com a Gabriela Varella. E as duas são produtoras da Rádio Novelo.

Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta dessa semana. Se você quer saber mais sobre as pautas aqui desse episódio, te convido a visitar o nosso site, radionovelo.com.br. O site tá lindo, cheio de novidade, prometo que vale a sua visita. Passando por lá, não deixa de assinar a nossa newsletter, que traz toda semana novidades da Rádio Novelo e dicas culturais nada cabeçadas da nossa equipe. Aliás, se você curte o nosso trabalho, o melhor jeito de ajudar a gente a crescer é seguir o Rádio Novelo Apresenta no seu aplicativo de podcasts favorito, dar cinco estrelas, comentar nas redes, e sair por aí falando das histórias que ouviu aqui. A gente tá sempre a postos pra te ouvir nas redes, [@radionovelo](https://www.instagram.com/radionovelo), e também no e-mail apresenta@radionovelo.com.br. Conta pra gente o que você tá achando. Se tiver uma história pra contar, manda pra cá também!

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda semana; sai sempre às quintas-feiras.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de estratégia é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise e a Évelin Argenta. Os produtores da nossa equipe são Bárbara Rubira, Clara Rellstab, Cláudia Holanda, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva. O desenho de som é da Paula Scarpin.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos. Nesse episódio, a gente usou música original de Stela Nesrine e Amon Medrado, e também da Blue Dot. A promoção e distribuição são da Bia Ribeiro e da FêCris Vasconcellos. O Eduardo Wolff faz as nossas redes sociais, com peças do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até semana que vem.